

O QUE É A MORTE DO HOMEM?

WHATS IS THE DEATH OF MAN?

George Lucas da Silva dos Santos¹

Resumo: Nossa problemática é a de entender que tipo de questionamento é esse que, irrompendo de dentro, se impõe a Foucault em sua arqueologia: o que é o homem? Numa breve análise da relação entre Kant e Nietzsche contida na obra *As palavras e as Coisas*, pretendemos trazer à luz aquilo que, para o pensador francês, estrutura tanto a origem quanto a morte dessa categoria tão fundamental e ao mesmo tempo tão banal do pensamento moderno. Enfim, buscamos entender como Foucault trata desse Homem, que é, provocativamente falando, uma existência duvidosa.

Palavras-Chaves: Foucault. Sujeito. Crítica. Morte do Homem.

Abstract: Our problem is to understand what kind of questioning is this that, bursting from within, imposes itself on Foucault in his archeology: what is man? In a brief analysis of the relationship between Kant and Nietzsche contained in the book *Words and Things*, we intend to bring to light what, to the French thinker, structures both the origin and the death of this category so fundamental and at the same time so banal of modern thought. Finally, we try to understand how Foucault deals with this Man, who is, provocatively speaking, a dubious existence.

Keywords: Foucault. Subject. Criticism. Death of Man.

Introdução

*“Mas esse lugar do rei não pode, não deve ser preenchido: a antropologia é uma mistificação.”
(Gilles Deleuze)*

A morte do homem talvez seja uma das colocações de Foucault mais marcantes e sobreditas, seja na recepção contemporânea a ele, seja após seu falecimento. Desmistificar tal noção, e principalmente situá-la dentro da arquitetura por vezes assistemática do filósofo francês é não somente essencial para seu correto entendimento, mas também é um fator decisivo para se entender o que o pensamento foucaultiano delegou a nós. A morte do homem aparece assim como um sintoma de um movimento muito mais profundo, que não se reduz a motes ou modismos. Pois o que morre, com o homem, não é somente uma metafísica ultrapassada, mas também a forma do

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: georgedossantos1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9949-0414>

pensamento que determinou o próprio saber em geral desde o século XVIII, profundamente centrada na categoria de *sujeito*.

Entender, portanto, como e por que Foucault “matou” o homem, é entender que forma de pensamento nova ele faz surgir por entre palavras tão duras - como as da última seção do último capítulo de *As Palavras e as Coisas*, obra de 1966: “então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”². Por trás de toda a retórica possível, se encontra um verdadeiro sussurro enfático, que estridentemente se presta a avisar: não, não é o Homem como vocês o entendem que fundamenta o pensamento, pois este existe muito antes, muito além. “Estranhamente o homem – cujo conhecimento passa, a olhos ingênuos, como a mais velha busca desde Sócrates”, diz Foucault, “não é, sem dúvida, nada mais que uma certa brecha na ordem das coisas, uma configuração, em todo caso, desenhada pela disposição nova que ele assumiu recentemente no saber”³.

Disposição essa que, sendo historicamente situada, pode ser ultrapassada. Todo o furor metodológico, a acidez retórica e principalmente todo o peso de citações e bibliografias que Foucault mobiliza em *As Palavras e as Coisas* se voltam não para, soberbamente, inaugurar uma nova filosofia, melhor e mais completa, mas sim para evidenciar o porquê essa nova filosofia seria necessária, pois que o próprio pensamento já se desloca em sua direção. Essa obra é menos um manifesto que um diagnóstico.

Nosso texto visa, então, compreender que tipo de diagnóstico é esse e principalmente ao que ele se volta, quais são os sintomas que emergem de sua avaliação metódica. Buscamos entender em que consiste, dentro do pensamento foucaultiano, *matar o homem*. Como essa morte é estruturada? Quais forças se mobilizam para empreendê-la? Por que ela é não só possível, mas necessária? Esperamos responder essas perguntas, e quaisquer outras que surgirem, ao longo desse artigo de modo a tornar mais clara e, principalmente, de modo a recolocar mais uma vez esse vazio deixado pelo fim do homem.

Para tal, parece-nos necessário compreender três grandes linhas de força que “costuram” a morte do homem dentro de *As Palavras e as Coisas*: primeiro, o panorama geral da filosofia francesa da década de 60, para a qual Foucault se dirigia e dialogava, e que de certa forma, passa como que sub-repticiamente pelas páginas do livro. Em

² FOUCAULT, 2016, p. 536

³ FOUCAULT, 2016, p. XXI do Prefácio.

segundo lugar, precisamos entender o papel que Kant e a Crítica, enquanto atividade, possuem no pensamento de Foucault; o diálogo que ele opera com os conceitos kantianos, e com a obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, livro cuja importância é capital para se entender a relação entre modernidade e aquilo que Foucault chamará de Ilusão Antropológica. Enfim, analisaremos o lugar de Nietzsche e da Linguagem nas reflexões arqueológicas de Foucault, como a crítica “filológica-filosófica” de Nietzsche e a morte de deus contribuíram para o desmoronamento, ou melhor, o deslocamento da função originária do Homem, da preeminência do antropologismo em filosofia.

1. Breve percurso histórico

Segundo Dosse (1997), *As palavras e as Coisas* foi escrito no período mais estruturalista de Foucault. Mais ainda, segundo o autor, esta obra estaria “fechada, portanto, sobre a episteme do estruturalismo, que se oferecia como a realização da consciência moderna”⁴. É indubitável o fato de que a arqueologia, tanto a que foi apresentada na obra de 1966 quanto a sua versão mais robusta em a *Arqueologia do Saber*, é extremamente marcada pela égide do estruturalismo francês, que na época gozava de uma importância crescente. Além disso, o próprio Foucault, em diversos momentos de sua obra desse período, elogia o estruturalismo e seus desdobramentos. *As Palavras e as Coisas* aparece, assim, não somente como uma tentativa de entender a emergência das ciências humanas e da figura positiva do Homem no pensamento Ocidental, mas também, de compreender o momento em que se revirava a filosofia na França.

O grande debate que se fazia, no período de publicação de *As Palavras e as Coisas*, girava em torno de duas correntes filosóficas opostas: de um lado o existencialismo, filosofia dominante no cenário francês na década de 1940 e 1950, tendo em Sartre seu maior representante. Do outro, havia o estruturalismo, cujo domínio se alargava cada vez mais, assumindo influência nas mais diversas áreas do saber, tendo em Lévi-Strauss seu principal expoente. No meio desse debate, é claro, estava Foucault e suas incursões pela Loucura, pela Clínica e pelas Ciências Humanas.

⁴DOSSE, 1997, p. 341, tradução nossa.

O centro do debate era, poderíamos assim dizer, a relação entre o sujeito e a estrutura: se o existencialismo apostava num sujeito “criador de sentido e que se valia da sua liberdade angustiante frente ao mundo para dar significado a si, ao mundo, às coisas (objetos) e, enfim, a toda a sua existência nadificante”⁵, o estruturalismo se voltava para a estrutura que condicionava o sujeito. Como diz Pingaud: “Não se fala mais de consciência ou de sujeito, mas de regras, códigos, sistemas; não se diz mais que o homem faz sentido, mas que o sentido acontece com o homem”⁶.

A filosofia existencialista, e mesmo o marxismo, admitiam como irrevogável a preeminência da *práxis* frente a estrutura, isto é, a *práxis* é o fomento próprio da história, e o peso desta só incide na primeira como pura alienação. Por outro lado, o pensamento estruturalista buscava demonstrar que a formação dos sujeitos só é possível na medida em que a estrutura, ultrapassando-o, o realoca num espaço determinado, funcional, deslocado. Visto dessa forma, parece óbvio que a análise que privilegia as estruturas, e por consequência se esqueça do sujeito e da consciência, seja um escândalo lógico⁷ para autores como Sartre, onde a ação do sujeito deve prevalecer frente as estruturas, com o risco de, caso contrário, se perder a História.

No entanto, é preciso notar que a obra de Foucault não era somente uma espécie de afronta ao meio intelectual francês da época: mais profundamente, a crítica que Foucault faz ao conceito de Homem se dirigiu a própria filosofia ocidental tal como ela se instituiu a partir do século XVIII, e tal como ela se desenvolve sob diversas formas, como o positivismo, o marxismo, a fenomenologia e, também, o existencialismo. Justamente porque é na figura do Homem que estas filosofias vão se estruturar.

Numa entrevista de junho de 1966, Foucault resume seu objetivo em *As Palavras e as Coisas* dizendo que ele quis mostrar

de quais peças e quais pedaços o homem foi composto no fim século XVIII e início do XIX. Tentei caracterizar a modernidade dessa figura, e o que me pareceu importante era mostrar isso: não é tanto porque se teve um cuidado moral com o ser humano que se teve a ideia de conhecê-lo cientificamente, mas é pelo contrário porque construiu-se o ser humano como objeto de um saber possível que em seguida

⁵ PEREIRA, 2011, p. 96.

⁶ PINGAUD *apud* MIRANDA, 2013, p. 247.

⁷ BALTAZAR, 2011, p. 91.

desenvolveram-se todos os temas morais do humanismo contemporâneo.⁸

Ora, um projeto tão ambicioso como esse dificilmente se reduz a um simples texto de provocação. Pelo contrário, observando os diversos elementos que Foucault põe em jogo na economia argumentativa de *As Palavras e as Coisas*, podemos observar que se trata de um esforço, mesmo que vacilante, de capturar os processos que levaram a filosofia ao seu estágio atual (à época) e que fizeram do pensamento ser o que ele é. Nesse ponto, encontram-se inevitavelmente figuras centrais: Hegel, Marx, mas também o próprio Sartre, Husserl e os outros fenomenólogos. A morte do Homem, em suma, é uma provocação, claro, mas é, em seu sentido histórico, um verdadeiro acontecimento. Isto é, irrupção na ordem do saber de um movimento de deslocamento.

Foucault, portanto, não visa simplesmente dizer “é isto, o homem que nunca existiu”, mas recolocar o problema do homem sob um novo olhar: “o que fez este homem ser tal como é hoje?”. E a resposta para essa pergunta surge justamente no entrecruzamento de uma miríade de discursos: da História Natural, da Linguística, da Economia Política, da Biologia, da História e da própria Filosofia. Recolocar a pergunta pelo homem, isto é, proceder não mais partindo do Homem como o óbvio já dado, mas como algo que é constituído fora de si mesmo, refaz toda antropologia filosófica possível. Filosofias como a de Sartre necessitavam, para se constituírem, reencontrar, ao fim de seu trajeto, o Homem como motor, origem, solo – o homem como o Outro de si mesmo. Matar esse Homem é também reencontrá-lo, mas lá onde sua alienação ou desalienação já não importa mais, onde sua consciência já não impera – onde o outro de si é, de fato, um Outro absoluto: a estrutura.

Mas para além desse sentido interno à obra, é preciso também trazer a luz um sentido externo, isto é, não tanto sobre o tema que já abordamos, mas sobre a forma. Nesse ponto, parece-nos pertinente a colocação de Chapsal: trata-se de considerar nossa própria cultura como se ela nos fosse estranha⁹. Isto é, em Foucault, como para a etnologia, não se trata de investigar uma sociedade como paradigma ou convergência final do pensamento, da razão, da civilização, etc. Mas de encontrá-la ali onde seus pressupostos são construídos, onde a estrutura que a permite ser o que é torna-se

⁸ L'homme est-il mort? (entrevista com C. Bonnefoy), *Arts et Loisirs*, no 38, 15-21, junho de 1966, p. 8-9. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. I., p. 540-544, por Marcio Luiz Miotto. Revisão de wanderson flor do nascimento.

⁹ CHAPSAL *apud* MIRANDA, 2013, p. 250.

evidente. E, para a arqueologia foucaultiana, tal lugar encontra-se no discurso efetivo, na prática discursiva, na linguagem.

Tratando-o de fora, Foucault pode assim se distanciar de uma simples história das ideias, ou das opiniões ou da racionalidade dos discursos, que lentamente se encaminharia para uma realização cada vez mais perfeita. Pelo contrário, a arqueologia acha os pontos de descontinuidade, os liames de formação, as fissuras sob as quais o pensamento vem se formar.

É inegável o fato de que, para o arqueólogo do saber, o solo constitutivo de um pensamento só pode ser encontrado num “mergulho em profundidade”¹⁰, isto é, quando este, o arqueólogo, se lança na densidade dos discursos ditos, pronunciados, rabiscados nas dobras do tempo, ensejados nas curvas da história. A forma que percorre a arqueologia é, portanto, não tanto a do método analítico que classifica, ainda que este tenha certa proeminência, mas o método da crítica que, em sentido largo, relaciona os componentes para deles extrair aquilo que os tornou possível. Mas essa crítica, e isto é essencial para Foucault, não é uma simples investigação do que torna o pensamento possível em geral, mas o que o torna, este pensamento e não outro, possível no tempo em que ele efetivamente se situa. É uma crítica da atualidade, em seu sentido mais filosófico possível.

Disso, podemos retirar a fundamental presença de Kant (e de Nietzsche) para a formação do trabalho empreendido em *As Palavras e as Coisas*. Tentaremos agora, portanto, analisar essa troca entre Foucault e Kant, esse diálogo, empreendido sob o signo da antropologia e da crítica.

2. Kant: Crítica e Antropologia

Na primeira *Crítica*, na seção sobre os paralogismos da razão pura, Kant propõe a seguinte afirmação: “pela análise da consciência de mim mesmo, no pensamento em geral, nada se adianta quanto ao conhecimento de mim mesmo enquanto objeto. A exposição lógica do pensamento em geral é erroneamente considerada uma determinação metafísica do objeto”¹¹. A princípio, tal afirmação é apenas uma crítica direcionada ao sistema cartesiano e a categoria do eu penso como substância. No

¹⁰ CANGUILHEM, 2012, p. 16.

¹¹ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 366.

entanto, para nós modernos, há algo mais aí: o primado da antropologia é questionado, mais ainda, desfeito. Justamente por que em Kant, o empírico e o transcendental, o positivo e o fundamental, são demarcados de antemão, e, em suas existências próprias, não remetem a si mesmos numa reduplicação. É isso que Foucault nos mostra em sua tese complementar, escrito no final dos anos cinquenta, em que comenta a *Antropologia de um Ponto de vista Pragmático* de Kant.

Nessa obra, Foucault levanta pela primeira vez a questão da relação entre o positivo e o fundamental, isto é, entre a *Crítica* e a *Antropologia*, que irá nortear de certa forma o projeto de *As Palavras e as Coisas*. É nesse comentário que já se situa o cerco foucaultiano ao primado antropológico. Para Foucault, ainda que Kant tenha marcado fundamentalmente a modernidade, foi somente ao interpretá-lo erroneamente, isto é, ao confundir aquilo que nele se apresentava de forma bem delimitada, a *Crítica* e a *Antropologia*, que a modernidade irá surgir. O projeto moderno de conhecimento do próprio homem enquanto sujeito fundamental do conhecer é um projeto natimorto: já desde logo se assenta num simples erro gramatical, e principalmente ao se esquecer da lição kantiana,

no momento em que se crê fazer valer o pensamento crítico no nível de um conhecimento positivo, esquece-se o que havia de essencial na lição deixada por Kant. [...] Em todo caso, esta lição diz que a empiricidade da *Antropologia* não pode fundar-se sobre si mesma; que ela só é possível a título de repetição da *Crítica*; que, portanto, não pode abranger a *Crítica*, mas que não poderia deixar de referir-se a ela; e que, se ela figura como seu *analogon* empírico e exterior, é na medida em que se assenta sobre estruturas do *a priori* já nomeadas e trazidas à luz. Portanto, a finitude, na organização geral do pensamento kantiano, jamais pode refletir-se no nível de si mesma¹²

Assim, o pensamento moderno é marcado pelo esquecimento da lição kantiana de separar o empírico do transcendental, e de só remeter um ao outro na medida em que o empírico já é marcado pelo transcendental, mas nunca o oposto. Uma antropologia só teria lugar como momento intermediário, e nunca fundamental. É justamente ao esquecer isso, que a modernidade adormece num novo sono, que complementa e desdobra o sono dogmático denunciado por Kant:

A configuração antropológica da filosofia moderna consiste em desdobrar o dogmatismo, reparti-lo em dois níveis diferentes que se apoiam um no outro e se limitam um pelo outro: a análise pré-crítica do

¹² FOUCAULT, 2011, p. 106.

que é o homem em sua essência converte-se na analítica de tudo o que pode dar-se em geral à experiência do homem¹³

Ora, mas se a antropologia repete a crítica de algum modo, como é possível dizer que, já em Kant, havia uma separação entre o positivo e o fundamental? Pois a Antropologia não seria essa investigação estranha que não sendo inteiramente crítica nem por isso seria somente empírica? Não haveria aí também uma mistura? Nesse ponto, concordamos com Noto, na afirmação de que

O interesse pela *Antropologia de um ponto de vista pragmático* está onde ela se mostra uma reflexão que não é nem puramente crítica, nem simplesmente empírica; uma reflexão que, sem contradição ou ambiguidade, é capaz de falar do homem como, ao mesmo tempo, determinado e livre; enfim, uma reflexão que por não pretender conhecer o homem enquanto finitude positiva, não cai no erro da ilusão antropológica.¹⁴

E que ao reconhecer na relação *Crítica/Antropologia* uma nova forma de relacionar o positivo e o fundamental, Foucault se insere numa perspectiva filosófica que não mais perguntaria pelo que é, em sua essência última, o homem, mas por aquilo que o fez ser o que é hoje. Isto é, uma busca pela atualidade. Que será retomada em diversos momentos dos escritos foucaultianos. O primado da antropologia é então quebrado, e em seu lugar o que surge é não uma ausência, mais um modo de pensar inteiramente novo.

A Antropologia constitui talvez a disposição fundamental que comandou e conduziu o pensamento filosófico desde Kant até nós. Disposição essencial, pois que faz parte de nossa história; mas em via de se dissociar sob nossos olhos¹⁵

No entanto, outro aspecto importante para entender esse primado antropológico é justamente a colocação, pelo próprio Kant, da pergunta “*Was ist der Mensch?*” como ponto ao qual as outras três questões críticas (que posso eu saber? que devo fazer? Que me é permitido esperar?) devem se remeter à sua custa. É justamente nessa pergunta, “O que é o Homem?” que todo o pensamento moderno irá encontrar seu espaço próprio, é “ela que opera, furtiva e previamente, a confusão entre o empírico e o transcendental,

¹³ FOUCAULT, 2016, p. 472.

¹⁴ NOTO, 2011, p. 86.

¹⁵ FOUCAULT, 2016, p. 473.

cuja distinção, porém, Kant mostrara. Por ela, constitui-se uma reflexão de nível misto que caracteriza a filosofia moderna”¹⁶

E é Nietzsche quem Foucault mobiliza nesse ponto, traçando assim o destino desse Homem que é erro e ilusão: “A trajetória da questão *Was ist der Mensch?* No campo da filosofia se completa na resposta que a recusa e a desarma: *der Ubermensch*, o além-do-homem”¹⁷. Vê-se, na simplicidade dessa frase, a inevitabilidade da Morte do Homem quando se faz sua Crítica. Ao responder que o Homem é esse duplo empírico transcendental, esse estranho ser misto que confunde em si o positivo que se dá enquanto objeto na experiência, e o fundamental enquanto condição de possibilidade desse objeto, a análise de Foucault permite que a Ilusão Antropológica se dissipe e que o primado do homem se torne agora obstáculo ao próprio pensamento.

3. Nietzsche: Morte de Deus e a linguagem do além-do-homem

Não é gratuitamente, ou por estilo, que Foucault diz que “Nietzsche reencontrou o ponto onde o homem e Deus pertencem um ao outro, onde a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro”¹⁸ e que o “empreendimento nietzschiano poderia ser entendido como um basta enfim dado à proliferação da interrogação sobre o homem”¹⁹. A morte de Deus em Nietzsche já presente, de diversas formas, a morte do homem, e a própria noção de além-do-homem já evidencia isso. Foucault considera que a reflexão nietzschiana é uma tentativa, talvez a primeira e seguramente a mais complexa, de destituir, no seio do próprio pensamento, o primado antropológico, isto é, do Homem enquanto questão fundamental.

De fato, a questão da Morte de deus colocada por Nietzsche não é somente um conceito, mas um acontecimento na ordem do pensar, e é desse modo que se deve encarar a morte também do Homem:

O tema da *morte de Deus* em Nietzsche é apresentado multiplamente. (‘Os deuses morrem sempre de múltiplas maneiras’, diz ele em *Assim falou Zarathustra*). Mas, como se trata de uma constatação, visto que não é o próprio Nietzsche quem mata Deus, e sim a humanidade, como ele

¹⁶ FOUCAULT, 2016, p. 471.

¹⁷ FOUCAULT, 2011, p. 111.

¹⁸ FOUCAULT, 2016, p. 472-473.

¹⁹ FOUCAULT, 2011, p. 111.

dirá, é certo que outros filósofos já haviam constatado, a seu modo, esse fato.²⁰

A constatação desse fato é, por tanto, não uma exclusividade do pensamento nietzschiano, mas diz respeito ao movimento geral da filosofia. Em Feuerbach, por exemplo, a essência de deus é colocada enfim, nas costas do Homem. Ou em Spinoza, por exemplo, Deus é mesclado a natureza, tornado imanente a suas criaturas²¹. Mas um tal acontecimento, tão impactante, só poderia ser levado a cabo de forma lenta, laboriosa, silenciosa. Deus, ainda, lançaria sua sombra, mesmo que já morto, sobre a humanidade: “Como a luz de uma estrela que demora um longo tempo até que atinja o olhar dos que vivem na Terra, que depois de extinta, ainda demora a deixar se ser vista”²².

Ora, mas com a morte de deus, o Homem não alcança enfim sua plena estabilidade. Pois era justamente Deus quem garantia a unidade metafísica da subjetividade, do Eu. Com o fim de deus, inevitavelmente, o homem corre risco, entra em colapso. Como diz Oswaldo Giacóia Jr., “com o fim da metafísica ocorre, para Nietzsche, o descentramento da subjetividade”²³.

O descentramento da subjetividade, seu deslocamento, é essencial para se entender o projeto foucaultiano. É a partir dele que sua arqueologia poderá ser montada, construída, pois justamente é nesse descentramento que poderá vir a tona, na superfície do pensar, a realidade efetiva do discurso, da linguagem, das palavras em sua existência autônoma. Tal como Nietzsche em *Genealogia da Moral*, Foucault vai procurar a condição de formação da forma-pensamento não no desenvolvimento do sujeito, mas nos desdobramentos da linguagem: “Para Nietzsche, não se tratava de saber o que eram em si mesmos o bem e o mal, mas quem era designado, ou antes, quem falava, quando, para designar-se a si próprio se dizia *Agathós* e *Deilós* para designar os outros”²⁴.

Recolocar o homem, por tanto, é recolocar a pergunta por ele: desfaz-se assim, ou começa-se a se desfazer de qualquer modo, o primado antropológico. A ilusão antropológica, que garantia a existência de todo o pensamento moderno, e que tornava o homem um híbrido, um duplo empírico-transcendental, ao mesmo tempo fundamento e

²⁰ SOUTO, p. 131.

²¹ Cf. SOUTO, sobre a relação entre a morte de deus para Nietzsche, Spinoza e Feuerbach

²² SOUTO, p. 134.

²³ GIACÓIA JR, 2004, p. 91.

²⁴ FOUCAULT, 2016, p. 421.

objeto do saber, só pode existir enquanto se pergunta pela essência originária do homem, e não por sua emergência. Ao deslocar o sujeito do centro da reflexão, Foucault passa a perguntar o como, e não o quê. Como o homem veio a ser isso que é hoje? Quais os movimentos do pensamento, os desvios, as linhas que se teceram, quais, enfim, foram as forças que se mobilizaram para que o homem viesse a existir tal como existe hoje?

Como podemos ver, trata-se de perguntar pelas condições de possibilidade, mas não da experiência em geral, mas de uma experiência singular, histórica, efetiva. Foucault, paradoxalmente, por meio de Nietzsche, leva o fundamento da crítica kantiana ao nível histórico. Mas o que permite a ele ainda assim operar num nível transcendental, e não puramente positivo, é justamente a exploração do campo da linguagem, do discurso. Essa crítica histórico-discursiva consegue então ficar fora do primado antropológico. Pois é pela linguagem, ou melhor, pela prática discursiva, enquanto fundamento do pensar, que a arqueologia perpassa, e não mais pelo Homem e sua duplicidade ilusória.

Ora, o lugar da morte do homem é então um lugar de criação, e não só de denúncia. Trata-se de possibilitar uma nova forma de pensar onde a confusão entre o positivo e o fundamental não mais reine em absoluto, onde haja uma demarcação profunda entre o condicionante e o condicionado. Enfim, a morte do homem é tanto o fim de um pensamento, quanto o cintilar de uma nova maneira de pensar.

4. Conclusão: A Filosofia como diagnóstico do presente

Vimos como a obra de Foucault, *As Palavras e as Coisas*, onde aparece o conceito de morte do homem, é um acontecimento em meio a um ambiente filosófico específico. A disputa entre o estruturalismo e o existencialismo, encontra eco na obra foucaultiana, em sua arqueologia. No entanto, a obra vai além disso. É no movimento geral da filosofia no ocidente que ela vai se inserir, buscando escapar e denunciar pressupostos tão marcantes, tão presente que pareciam já óbvios.

Pudemos entender que a morte do homem é um combate daquilo que Foucault chama de Ilusão Antropológica, e que marcou a filosofia moderna. Trata-se da confusão entre o empírico e o fundamental, entre o positivo e o transcendental, entre o condicionante e o condicionado. Elevando o Homem a uma duplicidade, isto é, ao mesmo tempo objeto do conhecimento e fundamento do saber, a modernidade

adormecerá num novo sono, tal como o sono dogmático denunciado por Kant. É somente ao desmitificar a relação entre a crítica e a antropologia, que o homem aparece em sua plenitude: uma invenção recente.

A morte do homem é assim o correlato da morte de deus, seu duplo essencial. Se a morte de deus, como diagnosticou Nietzsche, é o esgotamento de uma categoria que fundamentava o saber, o elo último entre o pensamento e o mundo, a morte do homem é enfim o ocaso do último vestígio que sobrou do fim de deus. Com Deus, morre também seu assassino.

Ao deslocar o homem, Foucault então desloca justamente a pergunta pelo homem: não mais o que é esse homem, mas como veio a ser. E isso é fundamental, permite toda uma nova forma de pensar. Numa entrevista de 1967, Foucault afirma que o papel da filosofia é diagnosticar o presente: “o filósofo deixou de significar o que existe eternamente. Ele tem a tarefa muito mais difícil de dizer o que está acontecendo”²⁵. Assim, a atividade filosófica é, de um jeito ou de outro, uma atividade tão prática quanto teórico, e talvez justamente, prática em sua teorização. É essa, enfim, que acreditamos ser a grande contribuição de Foucault para todo o pensamento futuro.

Referências

- BALTAZAR, Tiago Hercílio. *Crítica do sujeito na arqueologia de Michel Foucault*. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Santa Catarina, v. 3, n. 6, p. 89-105, 2011.
- DOSSE, François. *History of Structuralism. Volume I - The Rising sign*. Tradução de Deborah Glassman. Minnessota: University of Minnessota Press, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- _____. *Gênese e Estrutura da “Antropologia” de Kant*. Tradução de Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. *L'homme est-il mort? (entrevista com C. Bonnefoy)*, Arts et Loisirs, no 38, 15-21, junho de 1966, pp. 8-9. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. I., p. 540-544. Tradução de Marcio Luiz Miotto. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em www.filoesco.unb.br/foucault, acessado em 3 de fevereiro de 2019.
- CANGUILHEM, Georges. *Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do Cogito?*. Tradução de Fábio Ferreira de Almeida. Goiânia: Edições Ricochete, 2012.
- GIACÓIA JR., Oswaldo. *De Nietzsche a Foucault: impasses da razão?* In: PASSETTI, Edson (Org.) *Kafka, Foucault: sem medos*. Cotia: Ateliê Editorial, p. 89-102, 2004.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradrique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

25 FOUCAULT, 2005, p. 57.

MIRANDA, Heraldo de Cristo. Michel Foucault e Antropologia: Les mots et les choses e o elogio à etnologia. *Aurora, Paraná*, v. 25, n. 37, p. 245-269, jul./dez. 2013.

NOTO, Carolina de Souza. Da Ilusão Transcendental à Ilusão Antropológica: Foucault em Defesa de Kant. *Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo*, n. 18, pp.73-88, 1/2011.

PEREIRA, Everton Almeida. Sujeito e Linguagem em As Palavras e as Coisas, de Michel Foucault. *Estudos Semióticos, São Paulo*, v. 7, n. 2, p. 94-101, novembro de 2011.

Recebido em: 06/09/2021

Aprovado em: 16/02/2022